



JACQUELINE
WINSPEAR

MENTIRAS
PERDOÁVEIS

UMA HISTÓRIA DE MAISIE DOBBS

“Maisie Dobbs já conquistou
seu lugar no alto escalão das
detetives literárias.”

— *BookPage*

MENTIRAS PERDOÁVEIS



PARTE UM



Londres, setembro de 1930



CAPÍTULO 1



A jovem policial estava em um canto da sala. Paredes pintadas de branco, uma porta pesada, uma mesa de madeira com duas cadeiras e uma janelinha de vidro fosco compunham o ambiente impessoal. Era uma tarde fria, e ela estava ali desde que começara seu turno, duas horas antes, tendo como única companhia a menina desalinhada e curvada que estava sentada na cadeira de frente para a parede. Outros haviam entrado na sala e ocupado o segundo assento. Primeiro, o detetive-inspetor Richard Stratton, acompanhado do sargento Caldwell, de pé atrás dele. Depois foi a vez de Stratton esperar enquanto um médico do Hospital Maudsley se sentava diante da menina, tentando fazê-la falar. Ninguém sabia sua idade nem de onde vinha, pois não dissera uma palavra desde que fora trazida naquela manhã, com seu vestido manchado de sangue, as mãos e o rosto que pareciam não ser limpos havia um mês. Ela agora aguardava outra pessoa que tinha sido convocada para interrogá-la: uma tal Srta. Dobbs. A policial tinha ouvido falar de Maisie Dobbs, mas, pelo que testemunhara até então, duvidava que alguém conseguiria fazer aquela jovem encardida falar.

A policial ouviu um burburinho atrás da porta: Stratton, Caldwell e, logo depois, outra voz. Uma voz suave. Uma voz que não era nem alta nem baixa, que não precisava se elevar para ser escutada ou, pensou ela, para receber atenção.

A porta se abriu e Stratton entrou, seguido por uma mulher que ela supôs ser Maisie Dobbs. A policial ficou surpresa, pois a jovem não era nem um pouco como havia imaginado. Em seguida, porém, deu-se conta de que a

voz revelara muito pouco sobre sua dona, apenas a gravidade, embora não fosse grave.

Trajando um tailleur simples de cor vinho com sapatos pretos e carregando uma pasta de couro preta surrada, a visitante sorriu tanto para a policial quanto para Stratton de um jeito que deixou a oficial um pouco aturdida ao fitar os olhos azul-escuros de Maisie Dobbs, psicóloga e investigadora.

– É um prazer conhecê-la, Srta. Chalmers – disse Maisie, embora elas não tivessem sido apresentadas.

A familiaridade calorosa do cumprimento intrigou a policial.

– *Brrr*. Está frio aqui – acrescentou a investigadora, virando-se para Stratton. – Inspetor, podemos trazer um aquecedor a óleo, apenas para aumentar um pouco a temperatura?

Stratton arqueou uma sobrancelha e inclinou a cabeça ao ouvir o pedido incomum. Ao ver que seu superior fora pego desprevenido, Chalmers tentou conter um sorriso, e a menina sentada ergueu a vista, por um segundo apenas, atraída pela voz da mulher.

– Que bom. Obrigada, inspetor. Ah, e talvez uma cadeira para a Srta. Chalmers também.

Maisie Dobbs retirou as luvas, colocando-as sobre uma grande bolsa preta que ela acomodou no chão antes de puxar a cadeira para se sentar, não diante da menina, do outro lado da mesa, mas perto dela.

Estranho, pensou Chalmers, no momento em que um policial chegou com outra cadeira. O homem saiu da sala e em seguida voltou com um pequeno aquecedor a querosene, que deixou perto da parede. Os dois se entreolharam e deram de ombros.

– Obrigada – disse Maisie, sorrindo.

E eles sabiam que a visitante havia notado seus olhares furtivos.

Naquele momento, sentada ao lado da menina, Maisie não falou nada. Permaneceu em silêncio por alguns minutos, e Chalmers se perguntou que raios ela estava fazendo ali. Em seguida, percebeu que a tal Dobbs havia cerrado os olhos e lentamente mudado de posição. Por mais estranho que parecesse, Chalmers podia apostar que Maisie estava conversando com a menina sem abrir a boca, pois a menina – como se não pudesse evitar – inclinou-se em direção à investigadora. *Minha nossa, ela vai falar.*

– Não estou mais com frio agora.

Era uma voz ressonante com sotaque do sudoeste da Inglaterra. A menina falou lentamente, enfatizando o “r” e assentindo ao concluir a frase. *Uma camponesa*. Sim, Chalmers a classificaria como uma camponesa.

Maisie Dobbs, porém, não respondeu. Apenas abriu os olhos e sorriu, mas não com a boca. Não, foram seus olhos que sorriram. Depois, tocou a mão da menina e tomou-a na sua. Ela começou a chorar e, novamente, de modo muito estranho, pensou Chalmers, a tal Dobbs não a abraçou nem tentou interrompê-la, nem mesmo aproveitou a oportunidade como Stratton e Caldwell provavelmente teriam feito. Não, a investigadora apenas se sentou e assentiu, como se tivesse todo o tempo do mundo. Em seguida, a mulher surpreendeu a policial mais uma vez.

– Srta. Chalmers, faria a gentileza de pedir uma tigela de água quente, um pouco de sabão, duas flanelas e uma toalha, por favor?

Chalmers assentiu e se aproximou da porta. *Ah, mais tarde isso certamente renderá uma boa conversa com as garotas. Elas vão se divertir ao imaginar essa pequena pantomima*.

A policial providenciou tudo e levou para a sala. Maisie tirou o blazer, colocou-o sobre o encosto da cadeira e arregaçou as mangas da blusa de seda creme. Ela enfiou as mãos na água e esfregou um pouco de sabão numa flanela molhada, depois a torceu. Em seguida, ergueu o queixo da menina, sorriu ao encarar seus olhos avermelhados e injetados e começou a limpar seu rosto, repetindo o movimento de enxaguar a flanela e passar delicadamente o pano morno nas têmporas e na testa da menina. Limpou também os braços, primeiro mantendo a flanela quente na mão esquerda da menina, em seguida passando-a pelo antebraço até o cotovelo, e depois fazendo o mesmo do lado direito. A jovem estremeceu, mas Maisie não deu sinais de ter percebido. Continuou massageando a mão direita com o pano, subindo suavemente até o cotovelo e enxaguando-o outra vez.

Então ela se ajoelhou, pegou os pés descalços e imundos da menina e removeu a sujeira e a fuligem com a segunda flanela. Foi quando a policial percebeu que estava hipnotizada pela cena à sua frente. *É como estar na igreja*.

A menina falou novamente:

– A senhorita tem mãos macias.

Maisie Dobbs sorriu.

– Obrigada. Fui enfermeira na guerra, anos atrás. Era isso que os soldados costumavam dizer: que minhas mãos eram macias.

A menina assentiu.

– Qual é o seu nome?

Chalmers não desviou os olhos quando a menina – que durante doze horas permanecera naquela sala calada, sem tomar mais do que uma xícara de chá – respondeu imediatamente:

– Avril Jarvis.

– De onde você é?

– Taunton, senhorita.

Ela começou a soluçar.

Maisie Dobbs enfiou a mão na bolsa preta e sacou um lenço de linho limpo, que pôs na mesa diante da menina. Chalmers esperou que Maisie pegasse um bloco para tomar notas, mas não foi o que aconteceu. Em vez disso, ela continuou com as perguntas enquanto terminava de secar os pés da garota.

– Quantos anos tem, Avril?

– Farei 14 em abril, acho.

Maisie sorriu.

– Conte-me: por que está em Londres, e não em Taunton?

Avril Jarvis agora soluçava sem parar. Maisie dobrou a toalha e se sentou perto dela novamente. A menina respondeu à pergunta, assim como a todas as outras feitas no decorrer de uma hora, quando então Maisie disse que por enquanto era o bastante, que cuidariam dela e que voltariam a conversar no dia seguinte – e que o detetive-inspetor também precisaria ouvir o depoimento dela. Depois, para deixar ainda mais interessante a história que Chalmers contaria para as outras policiais alojadas nos quartos do segundo andar da Vine Street, a jovem Jarvis assentiu e disse:

– Tudo bem. Desde que a senhorita fique comigo.

– Sim, eu estarei aqui. Não se preocupe. Agora você pode descansar, Avril.

CAPÍTULO 2



Depois de se reunir com Stratton e Caldwell para relatar a conversa, Maisie foi levada de volta ao seu escritório na Fitzroy Square pelo motorista do inspetor, que a pegaria novamente na manhã seguinte para outra visita a Avril Jarvis. Maisie sabia que muitas informações surgiriam no segundo encontro. Dependendo do que fosse revelado e do que pudesse ser provado, Avril Jarvis talvez passasse o resto da vida atrás das grades.

– A senhorita demorou um bocado – comentou Billy Beale, seu assistente, passando os dedos pelo cabelo luminoso como o sol.

Ele se aproximou de Maisie, tomou seu casaco e o pendurou no gancho atrás da porta.

– Sim, dessa vez levou bastante tempo, Billy. A pobrezinha não teve nenhuma chance. Veja bem, não sei até que ponto a polícia já investigou seus antecedentes criminais, e eu gostaria de ir mais fundo para ter algumas impressões e informações mais detalhadas. Se eu for chamada para testemunhar no tribunal, quero estar preparada.

Maisie tirou o chapéu, colocou-o no canto da mesa e guardou as luvas na primeira gaveta.

– Estive pensando numa coisa, Billy. Que tal você e Doreen viajarem para Taunton no fim de semana, com tudo pago?

– A senhorita quer dizer como se fossem férias?

Maisie inclinou a cabeça.

– Bem, não será exatamente como tirar férias. Quero que você investigue Avril Jarvis, a menina com quem conversei esta manhã. Ela contou que é de Taunton e não há por que desconfiar disso. Descubra onde morou, como é

a família, se frequentou a escola, se trabalhou e quando chegou a Londres. Quero saber por que veio para cá... duvido que soubesse que iria viver nas ruas... e como ela era quando criança. – Maisie balançou a cabeça. – Meu Deus, ela só tem 13 anos... ainda é uma criança. Isso é deplorável.

– Ela está em apuros, senhorita?

– Ah, sim. E dos grandes. Está prestes a ser acusada de assassinato.

– Deus... E tem apenas 13 anos?

– Sim. Então, podem ir a Taunton?

Billy comprimiu os lábios.

– Bem, na verdade, Doreen e eu não saímos de férias muitas vezes. Ela não gosta de deixar os meninos, mas, sabe, acho que minha mãe pode cuidar deles enquanto estivermos longe.

Maisie aquiesceu e pegou uma nova pasta de papel-manilha, na qual escreveu AVRIL JARVIS, e a entregou para Billy junto com uma série de fichas onde rabiscara anotações enquanto esperava começar a reunião com Stratton e Caldwell.

– Muito bem. Então me avise se poderão ir e quando. Vou adiantar o dinheiro para transporte, hospedagem e despesas extras. Bem, agora vamos voltar ao trabalho, pois tenho que sair à tarde.

Billy pegou a pasta e se sentou à sua mesa.

– Ah, sim, a senhorita tem um encontro marcado com aquela sua velha amiga, a Sra. Partridge.

Maisie voltou a atenção para um livro-razão diante dela.

– Sim, Priscilla Partridge... – respondeu, sem tirar os olhos da mesa. – Ou Evernden, como se chamava quando estudávamos na Girton. Em 1915, depois de dois semestres de faculdade, ela ingressou no Corpo de Enfermeiras de Primeiros Socorros e dirigiu uma ambulância na França. – Maisie suspirou e, por fim, ergueu o olhar. – Ela não aguentou ficar na Inglaterra depois do armistício. Perdeu os três irmãos na guerra, e os pais para a gripe de 1918, então foi viver na costa atlântica da França. Foi onde conheceu Douglas Partridge.

– Acredito que já ouvi esse nome – comentou Billy, tamborilando o lápis na tampoira.

– Douglas é um escritor e poeta famoso. Foi gravemente ferido na guerra, perdeu um braço. Sua poesia sobre o conflito suscitou muita controvérsia

na época da publicação, mas ele conseguiu prosseguir com o trabalho... apesar de ser muito sombrio, se entende o que quero dizer.

– Não muito... Já ouvi falar dele, mas, a senhorita sabe, poesia não é meu forte, para ser sincero.

Maisie sorriu e continuou:

– Priscilla teve três meninos, que ela chama de “sapos”. Diz que são exatamente como os irmãos dela: estão sempre tramando alguma coisa. Ela está em Londres procurando uma escola para eles para o próximo ano. Ela e Douglas perceberam que os meninos estavam crescendo e decidiram que precisavam receber uma educação britânica.

Billy balançou a cabeça.

– Acho que eu não conseguiria me desfazer dos meus meninos... Ah, desculpe, senhorita.

Ele cobriu a boca com a mão ao lembrar que Frankie Dobbs havia feito a filha trabalhar como criada na casa de lorde Julian Compton e sua mulher, lady Rowan, quando a mãe de Maisie morreu. Ela mal tinha 13 anos.

Maisie deu de ombros.

– Está tudo bem, Billy. Faz muito tempo. Meu pai agiu como achou que era melhor, e não tenho dúvidas de que é o que Priscilla está fazendo. Cada um sabe de si... e todos temos que partir um dia, não é? – Maisie deu de ombros novamente. – Vamos terminar estas contas e ir para casa.

Desde o ano anterior, Maisie morava na casa de Belgravia de lorde e lady Compton. Na verdade, ao aceitar ocupar o quarto na mansão, Maisie estava prestando um favor a lady Rowan, que queria alguém de sua confiança morando lá durante sua ausência. Maisie era agora uma mulher independente, dona de seu próprio negócio, desde a aposentadoria de seu mentor e antigo chefe, Maurice Blanche. Assim, em vez de uma cama modesta nos quartos da criadagem no andar superior da mansão – sua primeira experiência naquela vida doméstica –, Maisie agora ocupava aposentos elegantes no segundo andar. Os Comptons vinham passando mais tempo em Chelstone, a casa de campo em Kent, onde o pai de Maisie trabalhava como cavaliário. Todos pensavam que o casal mantinha a propriedade de Belgravia apenas para futuramente deixá-la para James, o filho dos Comptons, que cuidava dos negócios da família no Canadá.

Na maior parte do tempo, Maisie ficava sozinha na casa, a não ser pela

companhia esporádica das criadas. No fim do verão, lady Rowan chegava para assumir o posto de uma das principais anfitriãs de Londres. Entretanto, ela restringira essa extravagância no ano anterior, quando, com uma compaixão raramente vista no meio aristocrático, declarou: “Eu não posso esbanjar nesses eventos enquanto metade da população não tem comida para encher a barriga! Não, agiremos com mais cautela e veremos o que pode ser feito para tirar o país dessa bagunça deplorável!”

Ao chegar à Ebury Place naquela noite, Maisie dirigiu até os estábulos nos fundos da mansão e percebeu imediatamente que o Rolls-Royce de lord Compton estava estacionado ao lado do velho Lanchester e que George, o motorista, conversava com Eric, o criado que cuidava dos automóveis quando George estava em Kent.

George tocou brevemente a testa com os dedos numa saudação e abriu a porta do carro para Maisie.

– Boa noite, senhora. É um prazer vê-la outra vez.

– George! O que está fazendo aqui? Lady Rowan está em Londres?

– Não, apenas sua senhoria, lord Compton. Mas ele não vai ficar muito tempo. Veio só para uma reunião de negócios, e depois irá ao clube.

– Ah. Uma reunião em casa.

– Sim. E, se não se importa, ele pediu que a senhora fosse encontrá-lo na biblioteca assim que chegasse.

– Eu?

Maisie estava surpresa. Ela às vezes pensava que lord Compton havia apoiado os primeiros anos de sua educação apenas para satisfazer o desejo da esposa, embora sempre tivesse sido cordial com ela.

– Isso mesmo. Ele sabe que a senhora vai sair mais tarde, então avisou que não tomará muito do seu tempo.

Maisie assentiu para George e agradeceu a Eric, que apareceu com um pano para dar um trato no já lustroso MG. Em vez de entrar na casa pela cozinha, uma informalidade que havia se tornado hábito, ela andou rápido em direção à porta da frente, imediatamente aberta por Sandra, a mais antiga empregada depois do mordomo, Carter, que estava em Chelstone.

– Boa noite, senhora. – Sandra fez uma reverência breve, sabendo que Maisie não era afeita a tais formalidades. – Sua senhoria...

– Sim, George acaba de me contar.

Ela estendeu o chapéu e o casaco para Sandra, mas continuou segurando a pasta de documentos. Consultou o relógio de enfermagem de prata preso à lapela, um presente de lady Rowan quando fora convocada à França, em 1916. O relógio se tornara seu talismã desde então.

– Obrigada, Sandra. Poderia me preparar um banho, por favor? Preciso encontrar a Sra. Partridge no Strand Palace às sete horas e não quero me atrasar.

– Certo, senhora. É uma pena que ela não tenha se hospedado aqui. Não foi por falta de quartos.

Maisie arrumou o cabelo preto e grosso e respondeu enquanto andava depressa até a escada em curva:

– Ah, ela disse que queria ser mimada em um hotel extravagante, agora que teria alguns dias de paz sem os filhos.

Diante da porta da biblioteca, Maisie se recompôs antes de bater. Ouviu ressoarem vozes masculinas. Lorde Compton era seco e decidido. A segunda voz parecia grave e resoluta. Enquanto escutava, Maisie fechou os olhos e começou a mexer os lábios de acordo com as palavras entreouvidas, movendo o corpo automaticamente para incorporar a postura sugerida pela voz. Sim, era um homem decidido, um homem proeminente, que carregava um peso sobre os ombros. Pensou que talvez fosse um advogado, embora algo tivesse aguçado sua curiosidade logo antes de ela bater à porta e entrar na biblioteca: Maisie pôde ouvir na voz do homem mais do que uma insinuação de medo.



– Maisie, que bom que pôde reservar alguns instantes do seu precioso tempo para conversarmos.

Julian Compton estendeu a mão para Maisie, convidando-a a entrar. Ele era um homem alto e magro, com cabelos grisalhos penteados para trás e maneiras afáveis e tranquilas, que sugeriam riqueza, autoconfiança e sucesso.

– É um prazer encontrá-lo, lorde Julian. Como vai lady Rowan?

– A não ser pelo infeliz problema em seu quadril, não há nada que possa

detê-la! É claro, agora há outro potro a caminho... talvez outra promessa para o *derby* daqui a alguns anos!

Lorde Compton virou-se para o homem em pé, de costas para a lareira.

– Deixe-me apresentá-la ao meu grande amigo, sir Cecil Lawton, conselheiro do rei.

Maisie se aproximou, e os dois trocaram um aperto de mãos.

– Boa noite, sir Cecil.

Ela notou seu desconforto, a maneira como ele praticamente não a olhou nos olhos. Em vez disso, fitou um ponto atrás de Maisie antes de fitar os próprios pés e depois lorde Julian. *Quase posso farejar o medo*, pensou ela.

Cecil Lawton era apenas alguns centímetros mais alto que Maisie. Ele tinha cabelos grisalhos escuros e ondulados, repartidos ao meio e penteados para os lados. Usava óculos meia-lua e seu nariz de batata parecia acomodar-se mal sobre o bigode encerado. Suas roupas eram caras, embora já um pouco gastas. Maisie conhecera muitos homens assim ao longo de sua vida profissional, advogados e juízes que investiram muito dinheiro em roupas para impressionar, mas, depois de alcançarem o sucesso na carreira, não encaravam a Savile Row – onde se concentravam os melhores alfaiates de Londres – com a mesma reverência dos dias de juventude.

– É um prazer encontrá-la novamente. Já nos conhecemos, a senhorita lembra? Foi quando testemunhou para a defesa no caso Tadworth. Não fosse por suas observações aguçadas, o homem talvez tivesse sido mandado para a prisão de Wormwood Scrubs.

– Obrigada, sir Cecil.

Maisie estava ansiosa para saber por que fora apresentada a ele, mas queria ainda mais que sobrasse tempo de se arrumar para o jantar com Priscilla. Ela se virou para lorde Julian.

– Soube que queria me ver, lorde Julian. Há algum assunto em que eu lhe possa ser útil?

Lorde Julian lançou um breve olhar para Lawton.

– Vamos nos sentar. Maisie, sir Cecil precisa confirmar certas informações recebidas alguns anos atrás, durante a guerra. Ele me procurou, e eu imediatamente sugeri que você poderia auxiliá-lo.

Lorde Julian olhou de relance para Lawton e em seguida voltou sua atenção novamente para Maisie.

– Acho que seria melhor se sir Cecil lhe explicasse a situação numa conversa privada, sem a minha interferência. Sei que vai preferir ouvir os detalhes nas palavras dele, e qualquer pergunta que lhe dirija poderá ser respondida de forma absolutamente confidencial. Devo acrescentar, Maisie – lorde Julian sorriu para o outro –, que informei ao meu bom amigo aqui que seus honorários não são insignificantes e que você vale cada penny!

Maisie sorriu e inclinou a cabeça num cumprimento.

– Obrigada, lorde Julian.

– Muito bem. Vou me retirar para a minha toca por cerca de dez minutos. Volto logo.



Sir Cecil Lawton se remexia no assento. Ficou de pé outra vez, parado de costas para a lareira. Maisie reclinou-se um pouco na cadeira, um movimento que levou Lawton a limpar a garganta e começar a falar:

– Isto é um tanto incomum, Srta. Dobbs. Nunca imaginei que um dia buscaria ajuda em um assunto como este...

Lawton balançou a cabeça com os olhos cerrados, em seguida ergueu o olhar e continuou:

– Meu único filho, Ralph, foi morto na guerra.

– Sinto muito, sir Cecil.

Maisie manifestou suas condolências com delicadeza. Sentia que Lawton queria se livrar de um peso, então se inclinou para a frente, dando a entender que prestava atenção. Ele havia pronunciado o nome do filho com uma dicção antiquada.

– Eu ocupava uma posição que me permitia fazer perguntas, então eu não tinha... não tenho... nenhuma dúvida de que Ralph morreu. Ele estava no Real Corpo Aéreo. Esses camaradas tinham sorte quando conseguiam sobreviver a três semanas na França.

Maisie aquiesceu, mas não disse nada.

Lawton pigarreou, ergueu o punho até a boca por um segundo, cruzou os braços e continuou:

– Minha mulher, no entanto, sempre afirmou que Ralph estava vivo. Ela se tornou muito... muito *instável*, acho que posso descrever assim, depois que recebemos a notícia. Ela acreditava que um dia ele voltaria para casa. Dizia que mães sabem dessas coisas. Agnes teve um colapso nervoso um ano depois da guerra. Tinha se envolvido com espiritualistas, médiuns, todo tipo de charlatanice, tudo numa tentativa de provar que Ralph ainda estava vivo.

– Muitos se consultaram com essas pessoas, sir Cecil. Quanto a isso, sua esposa não estava sozinha.

Lawton anuiu e seguiu com a história:

– Uma delas chegou a dizer que um guia espiritual... – Ele balançou a cabeça mais uma vez e sentou-se diante de Maisie. – Desculpe-me, Srta. Dobbs. Só de pensar nisso meu sangue ferve. O fato de uma pessoa exercer tal poder sobre outra é repugnante. Não basta a uma família ter que suportar a dor, ainda vem uma bruxa... – Lawton pareceu titubear, mas logo se recompôs. – Enfim, ela disse à minha mulher que um guia espiritual transmitiu uma mensagem do além, segundo a qual Ralph não estaria morto, mas bem vivo.

– Como isso deve ser difícil para o senhor...

Maisie tomou cuidado para não emitir opiniões enquanto ouvia a história. Havia algo no comportamento de Lawton enquanto falava do filho que a inquietava. A pele dela formigou de leve na nuca, de onde subia até o couro cabeludo uma cicatriz resultante da explosão de um projétil. *A estima dele pelo filho foi comprometida.*

– Minha mulher passou os últimos dois anos de vida em um hospital psiquiátrico, Srta. Dobbs, uma instituição privada no interior. Naquele momento eu não pude lidar com rumores que pusessem em risco minha reputação. Cuidaram dela em circunstâncias muito confortáveis.

Maisie olhou para o relógio de pêndulo no canto da sala. Ela precisava correr.

– Diga-me, sir Cecil, como posso ajudá-lo?

Lawton pigarreou e recomeçou a falar:

– Agnes morreu há três meses. Organizamos um pequeno funeral e publicamos a costumeira nota de falecimento na seção de obituários do *Times*. Entretanto, no seu leito de morte, ela implorou que eu promettesse que iria encontrar Ralph.

– Ah.

Maisie juntou as mãos e as levou aos lábios, como numa prece.

– Sim. Prometi encontrar alguém que está morto. – Ele se virou para encarar Maisie pela primeira vez. – Tenho o dever de procurar por ele. É por isso que apelo para a senhorita, por sugestão de Julian.

– Lorde Julian fez parte do Gabinete de Guerra durante o conflito. Tenho certeza de que ele tem acesso aos arquivos.

– Claro, e a busca revelou apenas o que já sabíamos: capitão Ralph Lawton, Real Corpo Aéreo, morto na França em agosto de 1917.

– O que quer que eu faça, sir Cecil?

– Quero que prove, de uma vez por todas, que meu filho está morto.

– Sinto muito, mas preciso perguntar: e quanto ao túmulo dele?

– Ah, sim, o túmulo. Meu filho morreu em um incêndio quando o avião caiu. Pouco foi encontrado da aeronave, menos ainda do meu filho. Seus restos mortais estão enterrados na França.

– Entendo.

– Estou dando esse passo para manter a promessa que fiz à minha mulher.

Maisie franziu a testa.

– Se me permite comentar, uma busca dessas pode prosseguir indefinidamente, além de ser insuportável, sir Cecil.

– Sim, sim, eu entendo. Entretanto, decidi que será estabelecido um limite de tempo para essa tarefa.

Maisie respirou fundo.

– Sir Cecil, como sem dúvida compreende, estou acostumada a receber solicitações incomuns e já assumi encargos que outros teriam recusado ou dos quais teriam se aproveitado. Em um caso desses, minha responsabilidade deverá contemplar também o seu bem-estar... se é que posso falar com franqueza.

– Estou perfeitamente bem, a senhorita sabe. Eu...

Maisie levantou-se, caminhou até a janela, olhou de relance para o relógio e se virou para fitar Lawton.

– Sinceridade irrestrita costuma ser uma exigência do meu trabalho e devo, como eu disse, ser franca. Faz pouco tempo que o senhor está de luto e, para piorar, sua esposa jogou sobre seus ombros a terrível tarefa de

encontrar um filho que, para todos os efeitos, está morto. Parece que, desde que recebeu a notícia do falecimento, o senhor ainda não pôde atravessar os rituais de luto que devemos cumprir a fim de deixar no passado aqueles que se foram.

Maisie fez uma pausa, olhou novamente para Lawton e prosseguiu:

– É somente após esse longo processo de luto que nos sentimos livres para recordar os mortos com todo o nosso sentimento. Se eu assumir este caso, será imprescindível levar em conta sua passagem pelo processo de luto e suas lembranças. Veja bem, sir Cecil, não estou certa de como devo proceder aqui, mas sei muito bem quanto será difícil para o senhor reviver a perda no decorrer da investigação. E, é claro, precisarei interrogar as pessoas que sua mulher consultou para confirmar o pressentimento de que seu filho estaria vivo.

– Entendo. Ou acho que entendo. Pensei que talvez a senhorita pudesse apenas buscar documentos em arquivos, ir à França e...

Lawton não encontrava as palavras. Estava claro que não tinha ideia do que Maisie poderia descobrir na França.

– Permita-me fazer uma sugestão. Considere tudo o que eu expliquei e as implicações de minha investigação. Depois, telefone para meu escritório e, caso ainda queira que eu vá atrás da verdade sobre a morte de Ralph, seguiremos em frente.

Maisie pegou a pasta e retirou dela um cartão de visita, que estendeu para Lawton. Nele estavam escritos seu nome, seguido pelas palavras “Psicóloga e Investigadora”, e seu número de telefone.

Lawton examinou o cartão por um momento antes de enfiá-lo no bolso do colete.

– Sim, claro. Vou refletir sobre o escopo da minha demanda.

– Muito bem. Agora, com sua licença, sir Cecil, preciso me apressar. Tenho um jantar marcado esta noite.

Uma única batida à porta anunciou a entrada, no momento oportuno, de lord Julian Compton.

– Imagino que estejam concluindo o assunto.

– Sim, Julian. A Srta. Dobbs foi muito atenciosa.

Sir Cecil estendeu a mão para Maisie.

– Estarei à espera de notícias suas quando julgar apropriado, sir Cecil. –

Maisie apertou a mão que ele lhe estendera e se virou para sair. – Mais uma coisa a respeito da afirmação de sua mulher: se o senhor decidir dar início à investigação, gostaria de saber se ela sugeriu um motivo para Ralph não ter voltado para casa, já que acreditava que ele estivesse vivo.

CONHEÇA OS LIVROS DA SÉRIE

Maisie Dobbs
O caso das penas brancas
Mentiras perdoáveis

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

